

# NÃO VOTE - ORGANIZE-SE!

O ABSTENCIONISMO ACENTUA A IMPORTÂNCIA DA PRÓPRIA AÇÃO E DA LIBERDADE ATRAVÉS DA LUTA, ASSIM COMO TEM UM IMPORTANTE EFEITO EDUCATIVO AO REALÇAR QUE O ESTADO NÃO É NEUTRO, MAS SERVE PARA PROTEGER A CLASSE DOMINANTE E QUE A MUDANÇA SIGNIFICATIVA VEM SOMENTE DE BAIXO, DA AÇÃO DIRETA. COMBINADO COM A AÇÃO DIRETA E A CONSTRUÇÃO DE ALTERNATIVAS SOCIALISTAS, É UMA MANEIRA MUITO EFETIVA DE MUDAR A IDEIA DAS PESSOAS E ENCORAJAR UM PROCESSO DE AUTOEDUCAÇÃO E, FINALMENTE, DE AUTOLIBERTAÇÃO. ASSIM, NÃO BASTA NÃO VOTAR, TEMOS QUE NOS ORGANIZAR E LUTAR.





# Não vote, organize-se!

O Anarquismo e as eleições

Autor anônimo

. b i b l i o t e c a .

---



---

**TERRA LIVRE**

---

. b i b l i o t e c a .

**TERRA LIVRE**

---

<http://bibliotecaterralivre.noblogs.org/>  
[bibliotecaterralivre@gmail.com](mailto:bibliotecaterralivre@gmail.com)

São Paulo  
2012

## Apresentação

Esta publicação é uma reedição do livreto *Não Vote, Organize-se* publicado em 2006 pela *Index Librorum Prohibitorum*, editora anarquista independente da última década. Aquela edição foi uma seleção de trechos do panfleto anônimo *Don't Vote, Organise!*<sup>1</sup>. Os trechos publicados eram sobre a posição do anarquismo em relação às eleições - ou seja, a defesa da abstenção ativa - em contraponto ao posicionamento de outros setores da Esquerda e também de alguns anarquistas que vêem a possibilidade de se extrair algo positivo das eleições.

Nesta edição, revisamos a versão passada e traduzimos mais alguns trechos do texto original que discutem a diferença entre a ação política anarquista da ação política através de partidos políticos, defendida pela maioria dos marxismos. Mantemos a opção em não traduzir o texto inteiro por causa do intenso diálogo que ele faz com o contexto político escocês e norte-americano.

Acreditamos que este livreto tem o mérito de explicar com clareza a interligação entre meios e fins nas práticas políticas. Tanto naqueles que tentaram tomar o Estado para mudar a sociedade e não conseguiram quanto para aqueles que conseguiram, em ambos esta estratégia surtiu resultados autoritários. Para os frustrados, a rígida estrutura burocrática dos seus partidos; para os vitoriosos, a cooptação pelo capital e a rápida mudança de lado na luta de classes. Para comprovar isso, nada melhor do que a recente história dos partidos de esquerda do Brasil.

O nosso objetivo ao publicar este texto é abrir o de

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://struggle.ws/anarchism/writers/anarcho/vote.html>

bate sobre a prática política anarquista e a posição do anarquismo diante das eleições, tendo em conta que não basta não votar ou votar nulo. Como está dito neste livreto, “nós anarquistas não apenas dizemos ‘não vote’, dizemos também ‘organize-se’.” Para avançarmos e criarmos uma forte resistência libertária contra o capital, é necessário aliarmos o abstencionismo com a ação direta, com a organização horizontal e com a luta cotidiana por uma radical transformação social.

Biblioteca Terra Livre

## Não vote, organize-se! – o anarquismo e as eleições

Parece incrível que depois de mais de 100 anos de campanhas eleitorais, a esquerda continue pensando que as eleições são uma coisa boa. É ainda mais surpreendente que certos pensadores anarquistas sigam nestas mesmas linhas. Alguns desdobramentos da esquerda e do anarquismo dos EUA fazem com que seja necessário recordar a posição do anarquismo contra as eleições.

\_\_\_\_\_O que é Estado?

A primeira pergunta a se fazer ao avaliar o uso das eleições como um meio de promover as idéias socialistas é “o que é o Estado?” É uma espécie de corpo neutro que pode ser usado por todas as classes da sociedade ou é um instrumento de dominação de classe, uma máquina que existe para proteger a riqueza e o poder da classe capitalista e fazer cumprir seus direitos de propriedade e autoridade? Os anarquistas acreditam que é a última opção e a maioria dos marxistas concorda, embora rejeitem a posição anarquista de que não devemos atuar dentro dele. Pelo contrário, como Lenin, eles consideram que é essencial “que o proletariado se prepare para a revolução utilizando o Estado atual”, elegendo seus candidatos através das eleições. Em outras palavras, nós (anarquistas e marxistas) concordamos com o que o Estado faz, mas não sobre a possibilidade de usá-lo para se preparar a revolução.

Os marxistas argumentam que as eleições **complementam** a ação direta e que nós devemos usar todos os meios disponíveis, incluindo as eleições, para ganharmos melhorias

e aumentar nossa influencia e impulsionar o crescimento das nossas organizações sob o capitalismo.

O estranho é que todo partido que decidiu “complementar” a ação direta com as eleições tornou-se cada vez mais burocrático e reformista, abandonando a ação direta em favor de alcançar maior sucesso nas eleições (na verdade, ganhar as eleições logo se tornaram sua única finalidade).

## \_\_\_\_Partidos e poder

O uso das eleições tem um efeito centralizador nos movimentos que as utilizam. As ações políticas passam a ser consideradas como atividades parlamentares feitas **para** a população pelos seus representantes, deixando às “pessoas comuns” nenhum outro papel a não ser de apoiadores passivos. Apenas os líderes se envolvem ativamente e o destaque principal repousa sobre as lideranças, que rapidamente se convencem de que são elas que devem determinar a política a ser implementada (muitas vezes passam por cima das decisões tomadas em congressos – quantas vezes os políticos desprezaram tais decisões fazendo exatamente o oposto daquilo que prometeram ou implementaram o oposto da política do partido?). Por fim, os congressos do partido tornam-se como as eleições parlamentares, nas quais resta aos membros do partido somente apoiar este ou aquele líder.

Logo o partido reflete a divisão entre trabalho manual e trabalho mental, tão necessária ao sistema capitalista. Ao invés da autonomia e da autodeterminação da classe trabalhadora, esses elementos são substituídos pela ação de líderes não pertencentes à classe trabalhadora que agem **para** as pessoas trocando, dessa forma, a autogestão da luta social pelo próprio partido. As eleições fortalecem o domínio dos líderes sobre o partido e o domínio do partido sobre as



peças que diz representar. E, claro, as reais causas e soluções para os problemas que enfrentamos são mistificadas pelas lideranças e raramente discutidas, com o objetivo de concentrar sobre elas a responsabilidade de resolver os problemas daqueles que os elegem.

Agir dentro do Estado garante que a perspectiva estatista se torne dominante. Tudo é visto sob a condição de intervenções estatais, seguindo as decisões de líderes e resultando que os radicais, *“ao invés de debilitar a falsa e escravizante fé nas leis e nos governos... na realidade agem no sentido de **fortalecer** a fé das pessoas na autoridade e na força do governo”*. [A. Berkman, Op. Cit., p. 84]. O que sempre provou incitar decisivamente o espírito da revolta foi a autogestão e a solidariedade mútua – as reais chaves para mudar a sociedade.

Desse modo, a resolução tomada pela seção espanhola da **Primeira Internacional** em 1870 parece ter sido comprovada como totalmente correta:

*“Qualquer participação da classe trabalhadora na política governamental da classe média apenas consolidará o presente estado de coisas e necessariamente paralisará a ação socialista revolucionária do proletariado. A Federação [dos sindicatos que compunha a seção espanhola da Internacional] é a verdadeira representante do trabalho, e deveria atuar fora do sistema político”*. [citado por José Peirats, **Anarchists in the Spanish Revolution**, p. 169].

Em vez de tentar obter o controle do estado, por quaisquer razões, os anarquistas tentam promover uma cultura de resistência dentro da sociedade que sujeite o Estado a pressões de fora para dentro. Ou, citando Proudhon, vemos que o *“problema da classe trabalhadora... consiste não na captura, mas na subjugação tanto do poder como do monopólio, isto é, gerar dentro das entranhas do povo, das profundezas do*

*trabalho, uma autoridade maior, um fato mais potente, que envolverá o capital e o estado e os dominará*". Portanto, para *"combater e reduzir o poder, para colocá-lo em seu devido lugar na sociedade, é inútil alternar os detentores do poder ou introduzir alguma variação em seu funcionamento: deve-se encontrar um arranjo agrícola e industrial por meio do qual o poder, hoje governante da sociedade, passe a ser seu escravo."* [**System of Economical Contradictions**, p. 398 and p. 397]. A ação direta é a maneira fundamental de se fazer isso e de se criar tal "arranjo".

## \_\_\_\_\_Estado e estrutura

O fato é que o Estado burguês foi desenvolvido para cumprir um regime de minoria. Sua estrutura não é mais acidental do que a asa de um pássaro. A asa desenvolveu uma estrutura para possibilitar o vôo. O Estado desenvolveu uma estrutura baseada no poder da minoria, de cima para baixo, que garante sua submissão e proteção. E, como disse Kropotkin, os anarquistas *"sustentam que a organização do Estado, tendo sido a força pela qual as minorias recorreram para estabelecer e organizar o seu poder sobre as massas, não pode ser a força que servirá para destruir estes privilégios."* [Peter Kropotkin, **Kropotkin's Revolutionary Pamphlets**, p. 170].

Os mesmos meios não podem ser usados para servir a fins diferentes, pois há uma relação intrínseca entre os instrumentos utilizados e os resultados obtidos - é por isso que a burguesia não incentiva a democracia participativa no Estado ou no local de trabalho! Assim como o local de trabalho no sistema capitalista é organizado para a produção de proletários e de capital, juntamente com pano e aço, o Estado capitalista é organizado para proteger e reforçar o poder da minoria.

O Estado e o local de trabalho não são meros meios ou instrumentos neutros. Ao contrário, são estruturas sociais que geram, reforçam e protegem determinadas relações sociais específicas. Essas relações sociais são baseadas em delegar poder a outros, deixando que os líderes ajam por você, que os outros lutem por você. Elas têm um impacto sobre aqueles que utilizam essas táticas, tanto aos indivíduos quanto às organizações.

A “essência” do Estado é, usando as palavras de Luigi Fabbri, o “*poder centralizado*” e o “*despotismo hierárquico*.” Baseia-se na delegação de poder nas mãos de poucos - em uma democracia, os representantes eleitos e a burocracia estatal. Deveria ser uma obviedade dizer que as eleições empoderam os políticos e não os eleitores. O parlamentarismo, por sua própria natureza, se concentra na luta por mudanças nas mãos de líderes. Em vez do poder estar com aqueles que estão envolvidos na luta, na organização, nas tomadas de decisão, ele está nas mãos dos representantes. A importância dos dirigentes é reforçada, como deve ser em um sistema centralizado.

\_\_\_\_\_Preparar ou adiar?

Os anarquistas, ao contrário, defendem que precisamos recuperar o poder que está concentrado nas mãos do Estado. É por isso que insistimos na ação direta. A ação direta significa ação pelo próprio povo, ações diretamente tomadas por aqueles diretamente afetados. Através da ação direta, as pessoas criam a sua própria luta, elas próprias as conduzem, as organizam e as gerem. Eles não entregam aos outros suas ações e as tarefas de emancipação. Dessa forma, nos tornamos acostumados a gerenciar nossos próprios afazeres, criando formas de organização social alternativas e libertárias, que podem se tornar uma força de

resistência ao Estado, conquistando reformas e sendo o esboço de uma sociedade livre. Em outras palavras, a ação direta cria órgãos de ação (como assembleias comunitárias, comitês de fábrica, conselhos de trabalhadores, e assim por diante) que, como disse Bakunin, estão “*criando não apenas as ideias, mas também os fatos do próprio futuro.*”.

Ou seja, a ideia sustentada pelos socialistas de que as eleições de alguma forma preparam a classe trabalhadora para a revolução é simplesmente um erro. Utilizar o Estado e defender as eleições apenas prepara as pessoas para seguir líderes - não incentiva a autogestão, a auto-organização, a ação direta e a luta de massas, que a revolução social requer.

\_\_\_\_\_Perda de tempo?

É correto afirmar que as eleições desviam a atenção da construção de alternativas e campanhas em nossas comunidades e locais de trabalho? No nível mais óbvio, as campanhas eleitorais consomem tempo, recursos e energia que poderiam ser utilizados em outro lugares. Além disso, se os radicais são eleitos o foco da luta muda. A luta direta contra o Estado e o patrão não é mais considerada como necessária já que os representantes eleitos vão agir, ou as pessoas pensam que eles vão. Sendo assim, elas não agirão por conta própria. Elas elegeram alguém para lutar por elas e assim não precisam lutar.

Rudolf Rocker fala sobre isso quando observou que “*frequentemente acontece que nas regiões dos países onde os partidos socialistas foram mais fortes, os salários dos trabalhadores são mais baixos e as condições de trabalho são piores. Esse foi o caso, por exemplo, nos distritos industriais do norte da França, onde os socialistas foram numerosos na*

*maioria das administrações municipais, e na Saxônia e na Silésia, onde ao longo de sua existência a social-democracia alemã foi capaz de demonstrar um grande número de adeptos.” [Anarcho-Syndicalism, p. 51] Os social-democratas foram eleitos para lutar pelo povo, podemos nos surpreender se as pessoas não agiram por elas próprias?*

\_\_\_\_\_ Não votar? Não basta!

Uma grande parte do apoio anarquista à ação direta é o abstencionismo. Isso significa a rejeição do voto. Entretanto, existe mais de um tipo de abstencionismo. Há o passivo e o ativo. O abstencionismo passivo está associado à alienação, apatia e apoliticismo. Ele baseia-se em “não me importo”, atitude cínica e coisas do tipo. Esta forma de abstencionismo facilmente leva à rejeição de todas as formas de luta e de política, incluindo a ação direta e o anarquismo. Os anarquistas se opõem a ela tanto quanto um eleitor socialista.

Porém, os anarquistas vêem o abstencionismo de uma maneira positiva, um meio de transformar a natural reação negativa a um sistema injusto em atividade positiva (por exemplo, ação direta, solidariedade, ações e auto-organização). Então, a oposição anarquista às eleições tem implicações políticas profundas, como bem apontou Luigi Galleani quando escreveu:

*“A abstenção eleitoral anarquista envolve não apenas uma concepção que se opõe ao princípio da representação (que é totalmente rejeitado pelo anarquismo), ela significa, acima de tudo, uma absoluta falta de confiança no Estado... Além disso, o abstencionismo anarquista tem conseqüências que são muito menos superficiais do que a inerte apatia atribuída a ele pelos desdenhosos carreiristas do “socialismo científico” (marxistas). Ele despe o Estado da fraude constitucional com*

*o qual ele se apresenta ao ingênuo como o verdadeiro representante de toda a nação e expõe seu caráter essencial como representante, procurador e policial das classes dominantes.”*

*“A desconfiança em relação às reformas, ao poder público e à delegação de autoridade podem levar à ação direta [na luta de classes]... Pode determinar o caráter revolucionário desta... ação; e, conseqüentemente, os anarquistas a vêem como o melhor meio disponível para preparar as massas para administrar seus próprios interesses pessoais e coletivos; e, além disso, os anarquistas sentem que mesmo agora os trabalhadores são completamente capazes de dirigir seus interesses políticos e administrativos”. [The End of Anarchism?, pp. 13-14].*

Portanto, o abstencionismo acentua a importância da própria ação e da liberdade através da luta, assim como tem um importante efeito educativo ao realçar que o Estado não é neutro, mas serve para proteger a classe dominante e que a mudança significativa vem somente de baixo, da ação direta. Qualquer campanha contra a idéia de que todas as classes da sociedade refletem a opinião da elite dominante e que, em tempos de eleições, convoque à abstenção e indique porque votar é uma farsa irá, evidentemente, mudar essas idéias. Em outras palavras, o abstencionismo combinado com a ação direta e a construção de alternativas socialistas é uma maneira muito efetiva de mudar a idéia das pessoas e encorajar um processo de auto-educação e, finalmente, de auto-libertação. Assim, não basta não votar, temos que nos organizar e lutar. Não devemos pedir por nenhuma concessão do governo. Nossa missão é impor a partir das ruas e dos locais de trabalho aquilo que os deputados e ministros são incapazes de realizar no parlamento. Nas palavras de um anarquista membro da Federação Jurassiana, escritas em 1875:

*“Ao invés de mendigar ao Estado por uma lei que obrigue os patrões a faze-los trabalhar apenas algumas horas, os sindicatos diretamente impõem esta reforma aos patrões; deste modo, ao invés de um texto legal que permanece letra morta, uma real mudança econômica é efetivada pela iniciativa direta dos trabalhadores... se os operários devotarem toda sua atividade e energia para a organização de suas associações em sociedades de resistência, federações locais e regionais, se, por palestras, leituras, círculos de estudo, jornais e panfletos eles manterem uma agitação socialista e revolucionária permanente; se, pela ligação da prática com a teoria, eles realizarem diretamente, sem nenhuma intervenção burguesa ou governamental, todas reformas imediatas possíveis, reformas vantajosas não para alguns poucos trabalhadores, mas para a grande massa operária – com certeza então a causa do trabalho seria melhor servida do que com...agitação legal”.* [Citado por Caroline Cahm, Kropotkin and the Rise of Revolutionary Anarchism, p. 226].

Os anarquistas insistem que devemos aprender a pensar e agir por nós mesmos juntando-nos em organizações nas quais nossas experiências, percepções e ações podem guiar-nos e realizar a transformação. O conhecimento não precede a experiência, ele flui dela. As pessoas aprendem a serem livres apenas exercitando a liberdade. Como um anarquista espanhol colocou, *“nós não vamos nos encontrar... com as pessoas prontas para o futuro... Sem o exercício contínuo de suas faculdades não haverá povo livre... A revolução externa e a revolução interna pressupõem uma à outra e elas devem ser simultâneas para que sejam bem sucedidas”* [Citado por Martha Ackelsberg, Free Women of Spain, p. 33].

Em outras palavras, os anarquistas rejeitam a visão de que a sociedade é estática e que as consciências, valores,

idéias e ideais das pessoas não podem ser transformadas. Longe disso, os anarquistas acreditam na ação direta porque ela efetivamente encoraja a transformação daquele que a usa. Ação Direta é o meio de criar uma nova consciência, um meio de auto-libertação das correntes que prendem nossas mentes, emoções e espíritos pela hierarquia e pela opressão.

Por isso, os anarquistas incitam o abstencionismo de modo a encorajar ações e não a apatia. As razões pelas quais as pessoas se abstém é mais importante do que o ato. A idéia de que os EUA está perto da anarquia porque cerca de 50% das pessoas não votam é sem sentido. A abstenção nesse caso é produto de apatia e de ceticismo, não de idéias políticas. Assim, os anarquistas reconhecem que o abstencionismo apático não é revolucionário ou indício de simpatia pelo anarquismo. Ele é gerado pela apatia e pelo alto nível de descaso em todas as formas de política e na possibilidade de mudanças.

Não votar não basta. Os anarquistas convocam as pessoas a se organizarem e resistirem também. O abstencionismo deve ser o complemento político da luta de classes, da ação direta e da auto-gestão a fim de ser efetivo – caso contrário, ele será tão insensato quanto o próprio voto.

\_\_\_\_\_Medo da direita

Mas abster-se ajudará a Direita a vencer as eleições. Possivelmente. Entretanto, nós anarquistas não apenas dizemos “não vote”, dizemos também “organize-se”. Apatia é algo que os anarquistas não têm interesse em estimular. Isso significa que se os anarquistas pudessem persuadir metade do eleitorado a se abster de votar isso iria, de um ponto de vista eleitoral, contribuir para a vitória da Direita. Mas seria uma



vitória falsa e vazia, pois quem poderia governar quando metade do eleitorado expressou sua falta de confiança em todos os governos não indo votar?

Em outras palavras, qualquer que seja o partido que esteja no posto ele teria que governar um país em que a grande minoria, senão a maioria, rejeitou o governo em si. Isto significaria que os políticos se sujeitariam às reais pressões da população que acreditaria em seu próprio poder e, conseqüentemente, passaria a agir. Portanto, os anarquistas convidam as pessoas que não votem, mas que ao invés disso organizem-se e tomem consciência de seu próprio poder, tanto como indivíduo quanto parte de uma união com os outros.

Ao contrário dos políticos, a massa da população não pode ser comprada e se ela estiver disposta e capaz de resistir, eles se tornarão um poder secundário. Apenas pela organização, pelo combate e pela prática da solidariedade onde nós vivemos e trabalhamos, poderemos realmente mudar as coisas. É aí onde reside nosso poder, onde podemos criar uma verdadeira alternativa. Criando redes de auto-gestão, comunidades pró-ativas e organizações no trabalho poderemos impor pela ação direta aquilo que os políticos nunca nos deram através do parlamento. E somente tal movimento pode parar os ataques sobre nós disparados por quem quer alcance o poder. Um governo (de Esquerda ou de Direita) que encara um movimento de massa baseado na ação direta e na solidariedade pensará sempre duas vezes antes de propor cortes ou introduzir leis autoritárias.

Além do mais, supondo que o “menos-pior” também nos ataque, é discutível se ele será, na prática, “menos-pior”. Mesmo que Blair, por exemplo, tenha livrado a Inglaterra do Thatcherismo, podemos realmente dizer que a abstenção não é uma opção viável?

\_\_\_\_\_ Por que se importar?

Mesmo que seja a burocracia quem tenha o real poder no Estado, o resultado das eleições é relativamente irrelevante. Nós temos visto autodenominadas Esquerdas implantando as mesmas políticas da Direita, utilizando tropas para parar greves, atacando os desempregados, mães solteiras, e etc. Diante disso, certamente, se é irrelevante para quem votamos, então com certeza é irrelevante se nós não votamos?

Tal argumento falha por levar em conta o impacto político e psicológico do voto. As épocas de eleições são úteis na medida em que mais pessoas se interessam pela política e, portanto, os anarquistas podem mostrar suas políticas e apresentar uma alternativa ao voto e ao sistema vigente. Uma campanha de “Não Vote” é espaço muito útil para introduzir as idéias anarquistas.

Além disso, votar significa que os eleitores reconhecem que são incapazes de resistir ao poder do Estado por si mesmos. Votando em políticos “melhores” eles reconhecem que não estão em posição de resistir ao Estado pela Ação Direta e são dependentes de outros para agir por eles. Ou melhor, não agir.

# Campanha Existe Política além do Voto!

## Manifesto

Já percebeu que votar não resolve os verdadeiros problemas da população? Vem governo, vai governo e a situação permanece igual. Nas eleições, os políticos prometem soluções para todos problemas e pedem nossos votos. Mas quando são eleitos esquecem daqueles que o elegeram.

Quantas decisões são tomadas sem a nossa opinião? Mudam as leis, constroem usinas e estádios de futebol. Aumentam a passagem do transporte público e gastam milhões com seus salários. Mas nada de mais hospitais, escolas e creches. Não fazem nada em relação às enchentes. A polícia continua oprimindo o povo todos os dias.

Os governantes dizem que são ações para o nosso “bem” e que é o “melhor para a gente”. Mas como podem saber o que queremos se não nos consultam?

Eles não querem saber o que precisamos, queremos e desejamos.

Isso tudo não é novidade para maioria de nós. Enxergar que as coisas não vão bem já é um começo, mas não basta. Devemos ir além! Temos que tomar de volta nossas vidas em nossas próprias mãos!!!

Ninguém mais aguenta essa política que nos impõem. A democracia representativa, esse sistema baseado nas eleições de políticos para cargos de governo, é o que mantém as coisas como estão. O poder está concentrado nas mãos de uma minoria que governa em favor dos ricos e poderosos, ignorando as necessidades e os desejos do povo.

O crescimento econômico é uma farsa, pois somente os grandes empresários se beneficiam com ele. O povo, como

sempre, recebe só as migalhas que caem dos bolsos cheios dos detentores do capital que são favorecidos por aqueles que detêm o poder. E nesse sistema capitalista sempre quando alguém ganha, muitos outros perdem...

É por isso que nos colocamos contra esse sistema político-econômico. Não aceitaremos mais que os políticos decidam por nós! Vamos nos organizar e construir novas formas de viver em sociedade.

**Existe política além do voto!** Votar de quatro em quatro anos não é fazer política. Existe um outro mundo a ser descoberto. Ele não está tão distante quanto imaginamos. Para vê-lo, basta apenas pararmos de aceitar o que nos impõem e passar a agir para alcançar um horizonte que está além do que estamos acostumados a enxergar.

Para isso propomos fazer política todos os dias, coletivamente, e que as decisões e ações partam de cada um e de todos. Uma política construída diretamente pelas pessoas. Que elas mesmas tenham a possibilidade concreta de defender seus interesses e decidirem sobre o rumo das suas vidas, associando-se com outras pessoas que tenham interesses e vontades em comum. Que as decisões sejam tomadas com todos os indivíduos em pé de igualdade, sem nenhum indivíduo com mais poder do que outro, baseados em uma relação de **cooperação** e **solidariedade**.

Propomos, ao invés da democracia representativa e das eleições, uma **democracia direta** em que as pessoas se organizem para decidir sobre os assuntos nos quais estejam envolvidas, seja no seu bairro, na sua escola, no seu local de trabalho, enfim, em qualquer espaço de convivência. Queremos uma política que seja feita no dia-a-dia, que esteja integrada às nossas vidas. Que não tenhamos mais que escolher um governante. Uma política na qual não precisemos

mais votar e nem eleger ninguém! Que sejamos nós mesmos a decidir e agir na organização da sociedade.

Essa proposta política é praticada em diversas partes do mundo e por muitos grupos diferentes. Trabalhadores se reúnem para produzir bens ou prestar serviços sem necessidade de um patrão, em sistema de **autogestão**. Diferentes grupos de pessoas se organizam em associações de bairros, mantêm centros culturais, participam de movimentos sociais, culturais e políticos, assim como de manifestações, protestos, ocupações e ações para denunciar as injustiças cometidas pelo Estado e pelos capitalistas. São pessoas que pela **ação direta**, sem representantes e sem chefes, decidem e atuam na política e na economia de nossa sociedade. Esses grupos se comunicam e se coordenam, combinando ações, criando laços de apoio e ações conjuntas, mas cada um com sua **autonomia**, organizando-se sem hierarquias e sem um grupo dirigente ou governante, associando-se num sistema que chamamos de **federalismo**.

Acreditamos que só assim construiremos uma sociedade livre, justa e igualitária.

Façamos nós mesmos a nossa história! Existe política além do voto!

ACESSE: [alemdivoto.org](http://alemdivoto.org)

